



Relato de Experiência

A FLAUTA DOCE REVERBERANDO SONS NA MEMÓRIA DOS EDUCANDOS E NO FAZER DOCENTE: um relato de experiência no Esperança Viva

Ewerthon Lucas de Oliveira Lima Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

ewerthon.lucas@gmail.com

Como citar este relato de experiência?

SANTOS, Ewerthon Lucas de Oliveira Lima. A flauta doce reverberando sons na memória dos educandos e no fazer docente: um relato de experiência no Esperança Viva. In: Encontro sobre Música e Inclusão, 10., 2023, Natal/RN, **Anais eletrônicos** [...]. Natal/RN: EMUFRN, 2023. Tema: Abordagens para um pensamento inclusivo: acessibilidade com equidade na prática musical. p. 131-136. Disponível em: <https://ojs.musica.ufrn.br/emi>.

Descrição do relato de experiência

Mesmo com os avanços a longo prazo e os retrocessos de uma conjuntura nacional política recente no que diz respeito a inclusão em ambientes de ensino, a universidade pública mantém-se firme ao que tange o fomento de ações desta natureza, do mesmo modo na formação integral e de qualidade que, assim como eu, vivencia o aprender para ensinar e ensina o que aprende.

A vista disso, o Esperança Viva, a partir do seu caráter extensionista como programa, promove aulas em seus projetos que instigam um ensino atento às especificidades dos sujeitos dentro da Escola de Música da UFRN e propicia o exercício da práxis de nós, licenciandos em Música. Dessa maneira, acontece nas aulas de flauta doce no Projeto Esperança Viva com o desenvolvimento de técnicas elementares de flauta doce para pessoas com deficiência visual.

Essa iniciativa vem acontecendo desde 2012. Atualmente, as aulas de flauta doce se estruturam em 3 turmas, sendo estas nomeadas de Turma A, Turma B e Turma C. Para o presente relato, estarei abordando a Turma B que se caracteriza por 2 alunos e 4 monitores, incluindo eu nesse último grupo. As aulas acontecem uma vez por semana no tempo de uma hora.

Os alunos possuem vivência na flauta há longos anos no projeto, todavia, possuem algumas dificuldades técnicas. Entretanto, não venho expor as barreiras como lugar enfático, mas sim das potencialidades a vista da totalidade enquanto indivíduos que possuem sua musicalidade num lugar de singularidade, considerando seus contextos sociais e experiências musicais históricas provenientes antes de seus “existir no mundo”, como o que prossegue após ele. (GONÇALVES; PEDERIVA, 2019).

As aulas de flauta doce, mesmo havendo seus objetivos técnicos ao que tange o ensino do instrumento, é necessário postular caminhos para além do enrijecimento do fazer sonoro “por fazer” no processo educativo musical. A partir dessa concepção, entendendo a musicalidade como estandarte para um aprender significativo (PEDERIVA; GONÇALVES, 2017) as aulas foram construídas por diálogos introdutórios a respeito de como o objeto, desde o título de uma música ou “o escalar das notas ascendentes”, por exemplo, se aproxima com uma situação que a eles despertam.

Recursos utilizados

Durante as aulas foram utilizadas, além da flauta doce soprano, o piano eletrônico. Ademais, nos momentos fora de sala de aula, utilizamos do WhatsApp como recurso para envio de gravações sonoras. As nossas vivências acontecem na sala 15, na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Principais aprendizagens

Em um de nossos encontros, ao apresentar a canção “Primavera” da Frank (1976, p. 66) com a intenção de estudarmos a escala de sol maior, perguntamos o que é a primavera. Os alunos responderam que é quando “as flores aparecem”. Mesmo esta sendo uma visão pictórica importada do que é a primavera no hemisfério norte, um dos alunos mencionou que as flores lembram as árvores de ipê e que quando ele era mais novo, sempre a visualizava no contexto rural em que se passava em sua infância até a adolescência.

Desse modo, a sequência de atividades começou com o relato associado à música, para em seguida, cantá-la e, por fim, tocarmos-na na flauta. Dessa forma, nas aulas seguintes, tocar flauta passou a ser sinônimo de recordar as árvores de ipê.

Nas outras aulas, o cantar a música “Primavera” se constituía como aparato de memória para a execução na flauta, de modo que quando havia erros do tempo da nota, a correção era feita primordialmente com o canto para em seguida avaliarmos a condução na flauta.

Principais desafios

Estruturar uma aula que apropria-se da humanização como estandarte para o processo educativo musical implica também o cuidado e o respeito das experiências adjacentes do espaço que se constrói o aprendizado. Não posso eu, impor que a primavera é quando “as flores nascem” ou dizer que é somente o nome da música, mas ouvir o que essa palavra significa para eles enquanto sujeitos que de certa maneira vivenciaram diretamente ou não aquilo.

Dessa maneira, torna-se desafiante eu enquanto docente, organizar elementos ou signos de vivências de outros ao dispor como objeto(s) extramusical(is) para

o objetivo técnico da prática musical na flauta, mesmo quando as aulas tenham a intenção da sensibilização no instrumento.

Portanto, cabe a reflexão de como estruturar conteúdos com objetivos de uma vivência significativa sem se deter inteiramente na técnica como modelo ideal para todas as pessoas. Ela tem o seu lugar de importância, todavia, cabe também a colocar paralelo ao lugar em que a música nos apresenta enquanto seres musicais e históricos culturais.

Registros fotográficos

Figura 1 – Aula do projeto Esperança Viva



Fonte: Setor de Musicografia Braille e Apoio a Inclusão (2023).
[Descrição de imagem] Fotografia na vertical de duas pessoas sentadas segurando uma flauta e uma pessoa em pé segurando uma flauta e lendo uma partitura sob uma estante. Diante deles, há algumas cadeiras em volta.

Figura 2 – Aula do projeto Esperança Viva



Fonte: Setor de Musicografia Braille e Apoio a Inclusão (2023).
[Descrição de imagem] Fotografia horizontal de duas pessoas sentadas segurando a flauta e outras duas, também segurando a flauta, porém em pé. Ao fundo uma mesa com uma mochila em cima.

REFERÊNCIAS

FRANK, Isolde Mohr. **Método para flauta-doce soprano**. Porto Alegre: RICORDI, 1976. 66 p.

GONÇALVES, Augusto Charan Alves Barbosa; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. A unidade educação-música: educação musical na teoria histórico-cultural. **Cadernos CEDES**, v. 39, n. 107, p. 19-30, jan. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/tJDwM4wd8PkfFGbJSSqdLfH/?lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2023.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins; GONÇALVES, Augusto Charan Alves Barbosa. Educação musical na perspectiva histórico-cultural: uma didática para o desenvolvimento da musicalidade. **Revista Obutchénie**, Uberlândia, p. 1-25, 2017. DOI <http://dx.doi.org/10.010101/XXXXX2018-x>. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/46484>. Acesso em: 30 jun. 2023.